



**Dossiê: Experiências instituintes de pesquisa e formação docente:
diálogos latino-americanos**

Experiências de Internacionalização na Formação Docente: Confluências Afro-latino-americanas

Experiencias de Internacionalización en la Formación Docente: Confluencias Afro-latinoamericanas

Danusa Tederiche Borges de Faria

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

São Gonçalo-Brasil

Mairce da Silva Araujo

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

São Gonçalo-Brasil

Sheila Martins dos Santos

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

São Gonçalo-Brasil

Resumo

Este artigo aborda experiências de internacionalização de professoras pesquisadoras latino-americanas na formação docente, com foco nas confluências afro-latino-americanas. A partir de vivências em intercâmbios acadêmicos e eventos formativos, busca-se refletir sobre processos formativos interculturais e decoloniais. Com base nos estudos (auto)biográficos e nas escrevivências, exploram-se experiências que valorizam a partilha de saberes, o fortalecimento das raízes culturais e as histórias de vida como formas de resistência ao apagamento de populações negras na América Latina. Destaca-se o papel da oralidade, da memória e da escrita na preservação e afirmação identitária, especialmente, nas trajetórias de mulheres negras ativistas e educadoras.

Palavras-chave: Confluência; Internacionalização; Formação Docente

Resumen

Este artículo aborda experiencias de internacionalización de profesoras-investigadoras latinoamericanas en la formación docente, con énfasis en las confluencias afro-latinoamericanas. A partir de vivencias en intercambios académicos y espacios formativos, se reflexiona sobre procesos formativos interculturales y decoloniales. Desde los enfoques (auto)biográficos y las escrevivências, se exploran experiencias que valoran el intercambio de saberes, el fortalecimiento de raíces culturales y las historias de vida como formas de resistencia al borramiento histórico de poblaciones negras en América Latina. Se destaca el rol de la oralidad, la memoria y la escritura en la preservación y afirmación identitaria, especialmente en las trayectorias de mujeres negras activistas y educadoras.

Palabras clave: Confluencia; Internacionalización; Formación docente

Introdução

“Quando a gente confluencia, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e a outra gente - a gente rende.”.
(Bispo, 2023, p.15)

Este artigo propõe um diálogo entre epistemologias emancipatórias e interculturais, articulando estudos (auto)biográficos e escrevivências (Evaristo, 2008) como perspectivas teórico-metodológicas. Entendemos a pesquisa e à docência como espaços investigativoformativosⁱ, onde a partilha de experiências entre pares ressignifica a formação docente. Com Antônio Bispo, questionamos o pensamento colonial e buscamos práticas educacionais emancipadoras. Inspiradas por Miriam Gomes e Conceição Evaristo, valorizamos as narrativas de vida como caminhos para saberes outros, voltados à transformação social.

Inspiradas em Freire, de que somos sujeitos sempre em formação (1996) e no filósofo quilombola, Nego Bispo, de que o saber cresce quando se compartilha, socializamos, no presente artigo, experiências por nós vividas, no contexto da formação docente entre pares latino-americanos, com a intenção de compartilhar nossas reflexões sobre processos formativos interculturais e decoloniais, contribuindo para o alargamento de tais discussões no campo da formação.

Ao narrar a experiência, buscamos na memória o que nos atravessou, como diz Larrosa (2014), de forma que, além “de favorecer o processo de autoconhecimento, [a narrativa] permite que se produza conhecimento sobre si e sobre o outro, sendo esta, *uma forma de compreensão da experiência humana*” (Faria; 2021), e de construção social da realidade.

Nas duas experiências, por nós selecionadas para essa discussão, damos a ver nosso modo de fazer pesquisa, que não trabalha com a lógica da coleta de dados, mas sim na perspectiva de produção dos mesmos, gerando um texto em construção permanente, que “não é apenas uma forma final de registro, mas um recurso privilegiado também de produção de dados e de *açãoreflexão* em busca do conhecimento possível para iluminar a compreensão sobre o que se pesquisa (Prado, Soligo; Simas, 2014)”.

A primeira experiência refere-se à participação de uma das autoras no evento “El Día Karambenor – sabores y sonidos de la cultura senegalesa”, como parte do doutorado-sanduíche, em Buenos Aires, na Argentina, a partir do Edital N° 6/2024, do processo N°

23038.007616/2023-84 da CAPES, que proporcionou um mergulho na cultura cabo-verdiana por meio de comidas, músicas e danças típicas.

A segunda experiência tem como cenário parte do processo vivido pelas três autoras no X Encuentro Iberoamericano de Colectivos y Redes de educadoras y educadores que investigan desde la escuela y la comunidad para la emancipación, que aconteceu em Salta, Argentina, de 5 a 10 de agosto de 2024.

Ambas as experiências relatadas nesse artigo foram vividas no contexto de internacionalização, movimento incentivado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e incorporado à política institucional do Programa de Pós-Graduação ao qual estamos vinculadas. Essa política tem-se concretizado por meio de parcerias e convênios com universidades e centros de pesquisa da América Latina, África e Europa. Dentre as ações desenvolvidas, destaca-se a inserção em redes e projetos internacionais de pesquisa e formação, fortalecendo diálogos com universidades e instituições de pesquisa, mas também com movimentos sociais organizados, tais como as redes e coletivos docentes.

É nesse contexto que se inscrevem as experiências aqui abordadas, que ampliam nossas lentes sobre processos formativos entre pares. Em especial, destacamos nossa interlocução com a Red Iberoamericana, com ênfase na segunda experiência, vivida durante o X Encuentro Iberoamericano de Colectivos y Redes de educadoras y educadores que investigan desde la escuela y la comunidad para la emancipación, realizado em Salta, Argentina.

As narrativas produzidas, a partir de tais experiências, evocaram confluências latino-americanas que nos convidavam a compreensões outras não apenas sobre nosso próprio processo formativo, como também sobre a construção social de uma realidade latino-americana. Confluências que se colocavam de forma mais contundente a partir do diálogo com duas intelectuais ativistas que foram inspiradoras para nós: Miriam Gomes, professora ativista negra argentina e Conceição Evaristo, pesquisadora e expoente da literatura negra brasileira.

Confluências latino-americanas no diálogo entre pares

Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio. Ao contrário: ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece. Quando a gente confluencia, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente. A confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia” (Bispo, 2023, p. 4-5)

No livro "A terra dá, a terra quer" (2023), Nêgo Bispo aborda a confluência de saberes ao destacar a importância de integrar conhecimentos tradicionais quilombolas com outras formas de saber. Ele enfatiza que essa fusão não implica perder a identidade cultural, mas fortalece e enriquece as comunidades. Ao compartilhar vivências e tecnologias originárias, ele propõe a contracolonização como uma estratégia para quebrar sistemas opressores de maneira circular. Essa abordagem promove uma sustentabilidade orgânica, alinhada com os ritmos naturais da vida. É um convite a uma reflexão mais profunda sobre a maneira como nos relacionamos com a terra e com os outros, e sobre como os saberes ancestrais podem contribuir para a confluência de conhecimentos, não como uma simples junção, mas como uma estratégia de resistência e afirmação de nossas existências. Bispo enfatiza que a troca de saberes não deve ser uma via de mão única, mas uma troca que ultrapassa fronteiras, estabelecendo um vínculo genuíno entre nós.

Refletir sobre nossas experiências de formação docente com pares latino-americanos tem nos aproximado das reflexões de Nêgo Bispo. Com o filósofo quilombola, aprendemos, a partir de sua crítica ao colonialismo, vislumbrar a proposta de uma perspectiva contracolonial, centrada na confluência como forma de ser. Esse exercício nos ajuda a compreender mais profundamente a realidade brasileira e latino-americana — nossa Pátria Grande, como nomeada por José Martí.

No diálogo entre nossas experiências com Miriam Gomes e Conceição Evaristo buscamos “compreender o que faz o colonialista pensar como pensa e como devemos pensar para não nos comportarmos como ele” (Bispo, 2018, p. 4). Neste exercício, que Bispo propõe, temos buscado junto com docentes de coletivos e redes latino-americanos/as pensar fazer uma Pedagogia contracolonizadora, tecida por vivências, saberes, tecnologias dos povos colonizados em seus movimentos de resistir para (re)existir. Sentidos que transparecem na narrativa que contextualiza a primeira experiência com a qual dialogaremos.

A raiz como memória e vida

Cheguei em terras portenhelas, imigrante, brasileira, latino-americana. Cheguei tateando possibilidades, com anseios pelas descobertas sobre o que encontrar, quem encontrar. Que Argentina me espera?

Nas minhas bagagens trazia expectativas, uma pesquisa encaminhada, um compromisso coletivo com a formação docente. Trazia também minhas raízes, minhas memórias, minha raiz como memória e vida. Com essa bagagem fui aos encontros...

Pelas calles

Entre arboles

Por el parques e las plazas

En la plaza.... monumento de luta e resistência

Mães de mayo...Plaza de Mayo
Um movimento
AFROARGENTINO
Um grupo se organizava para uma marcha
Era 8 de novembro de 2024, dia marcado para a marcha contra o racismo, a discriminação, a xenofobia. Contra os discursos de ódio e pelos direitos humanos. No entorno, homens fardados, imposturados como quem estivesse preparado para um campo de batalhas, mas essa luta não era deles, nem sobre eles, mas por causa deles. Reconheci o somido, toques de tambor que me remetiam algo familiar dos carnavais brasileiros. Fomos em direção e lá estavam. Um povo argentino, uma Argentina enegrecida a qual desconhecia, a qual não havia encontrado enquanto caminhava....
Pelas calles
Entre arboles
Por el parques e las plazas de Palermo.
Que Argentina era essa que eu desconhecia?
Me senti atravessada, transbordada, afetada para conhecer a Argentina que agora se apresentava.
Passaram alguns dias e outros encontros surgiram nessa experiência de estudante em intercâmbio. Em um desses encontros comentei sobre esse acontecimento. A marcha afro argentina. Quando me foi feito o convite.
Você gostaria de ir a um almoço senegalês?
Existe um grupo de Cabo-verdianos aqui na província de Buenos Aires que fazem eventos para manter suas raízes como memória e vida e no dia 24 de novembro será realizado um almoço Karambeñor com danças e músicas típicas senegalesa. De pronto aceitei o convite.
Imigrante, brasileira, latino-americana chego ao local agendado. Uma associação Paraguaia que cedia seu espaço para um evento de propagação da cultura senegalesa.
Éramos 4 brasileiras, imigrantes em solos argentinos, vivendo uma imersão na cultura senegalesa em um espaço pertencente aos paraguaios. Uma confluência afro-latinoamericana que nascia do diálogo e do intercambiar de experiências, tradições, culturas e saberes.
Daquele encontro queria poder narrar
As cores
Os sons
Os cheiros
Os sabores
Talvez apenas pudesse dizer que conheci uma Argentina outra, uma Argentina
De mucho color
Con sonido de tambor
con olor a resistencia
con sabor a alegría
pero sobre todo con la raíz como memoria y vida
K' tcheu cor
K' som de tambor
K' tcher d' resistencia
K' sabor e ligría
Ma també k' raíz moda memoria e vida.ⁱⁱ (Diário de memórias de Danusa Tederiche, 2024)

De pronto, emana dos versos da narrativa os atravessamentos da autora diante de uma Argentina outra, desconhecida, até então, uma Argentina enegrecida, a Argentina das

margens, das províncias, suscitando questões que traziam confluências afro-argentinas, extensivas a processos vividos junto a outros pares latino-americanos/as.

A narrativa nos convida a olhar para a experiência tomando como mirada as confluências afro-latino-americanas. Os afetamentos provocados na autora pela marcha contra o racismo, a discriminação, a xenofobia, os discursos de ódio e pelos direitos humanos, confluem para um mergulho na cultura cabo-verdiana, que coloca em cena uma Argentina enegrecida.

Vale ressaltar que tal evento ocorreu na sede da associação paraguaia, localizada em Chile 1769 - Caba, outra região periférica de Buenos Aires – Argentina, espaço também conquistado por imigrantes paraguaios que se colocam com objetivos semelhantes aos dos imigrantes cabo-verdianos, ou seja, manter suas raízes como memória e vida, suas identidades.

Nessa confluência encontramos uma afro-latinidade pulsante, demonstrando a resistência dos povos imigrantes que, embora longe de suas raízes, fazem questão de manter viva a sua essência. Mostra ainda sobre os encontros com outros povos e o (re)conhecimento de suas histórias que nos permitem encontrar nossa própria história. Nesse movimento de reencontro com a própria história, vamos nos dando conta de que povo somos, de nossa construção, força, luta. Vamos aprendendo a ser outro.

O evento “El Día Karambenor” foi promovido com apoio da *Asociación Unión Caboverdeana* tendo como uma das organizadoras uma professora negra e ativista argentina, Mirian Gomes. Mirian teve e tem um papel importante para revelar uma Argentina enegrecida que, por muitas vezes, vem sendo negada e silenciada. A partir de atividades como o almoço Karambeñor, nas palavras da professora, busca-se para além de uma oportunidade de confraternizar-se entre seus pares, a de reafirmar suas histórias, raízes, seu povo, sua existência.

Se escolher escrever é rejeitar o silêncio, como diz Chimamanda Adichie (2009), escolher escrever sobre a experiência vivida, junto àqueles/as que foram/são silenciados/as, tendo suas histórias apagadas é assumir a narrativa como forma de preservar a memória e afastar o esquecimento. Muito embora concordemos com Conceição Evaristo, quando em uma de suas palestras, nos lembra que a língua escrita não dará “conta de dizer dos gestos e do corpo”, vamos mais além ao afirmar que não dará conta de narrar o vivido.

Se o convite à escrita não significa a rejeição à oralidade, a pesquisadora Leda Martins nos provoca a pensar a respeito da Oralitura (2021). Um conceito que transborda com a valorização da oralidade como forma de produção e circulação de saberes. Sendo essas produções orais como as histórias contadas e os *causos*, podemos considerar a palavra *oralitura* como a junção de "oralidade" e "literatura". Tal fusão tem como objetivo expandir o conceito de literatura para incluir não só os textos escritos, mas também as produções orais que carregam conhecimento, sabedoria e tradição. Essa discussão caminha para além de uma junção de palavras. Leda Martins propõe com a oralitura um modo de resistência e de preservação de identidades culturais, particularmente, em sociedades onde a tradição oral predomina ou onde as populações têm suas histórias de marginalização ou de tentativa de apagamento.

Portanto, sim, *oralitura* (Martins, 2021) pode ser entendida como um modo de escrever nossas existências. Ou seja, como um processo que faz o cruzo entre a oralidade e a escrita, onde a voz, os sinais em Libras (Língua Brasileira de Sinais), os silêncios, os ruídos, se inscrevem e se reinventam no texto escrito, mantendo sua densidade, suas referências culturais e sua potência expressiva. Ambos os conceitos apontam para um lugar de resistência, preservação e afirmação das (re)existências que têm suas origens na oralidade, e que, ao serem reescritas, ou melhor, escrevidas trazem consigo um modo de manter vivos os saberes, as histórias e as memórias.

Confluências de Miriam Gomes com Conceição Evaristo

"Me quisieron convencer de que no existíamos."
(Gomes; 2011)

As palavras de Mirian Gomes denunciam um cenário de violência histórica que dá o tom a uma estrutura social desumanizadora, uma das marcas que nos aproxima enquanto latino-americanos/as, mas também nos permite perceber a força da resistência dos povos escravizados/colonizados.

Mirian Gomes é professora, mulher negra, latino-americana, nascida em Dock Sud, um bairro de imigrantes situado em Avellaneda, ao sul da área metropolitana de Buenos Aires – Argentina, onde viviam muitas famílias cabo-verdianas como a sua. A luta antirracista no interior da sociedade argentina marca sua trajetória. Contando um pouco sobre Mirian, ela contribuiu para a criação e desenvolvimento de organizações comunitárias de africanos e afrodescendentes e promoveu denúncias de violência racial contra cidadãos afro-argentinos

e africanos, apresentadas ao Instituto Nacional contra a Discriminação, Xenofobia e Racismo (INADI) e perante o sistema de justiça argentino. Vale ressaltar que durante a escrita desse artigo, o atual presidente da Argentina, Javier Milei, resolve fechar o instituto.ⁱⁱⁱ Mirian segue na luta, e atualmente é membro do Comitê Organizador do 8 de novembro "Dia Nacional da Cultura Afro-Argentina e Afro", do Grupo Todos com Mandela, da Sociedade Cabo-verdiana, do Comitê Organizador da Semana da África, do Movimento Federalista Pan-Africanista e da Rede de Mulheres Afro-Latino-Americanas, Caribenhas e da Diáspora.

Com esse repertório de luta e trabalho por uma argentina enegrecida, a professora conta que não acreditava que o racismo existisse até se mudar para outro bairro, conforme relatado em publicação no jornal digital "La Ciudad Avellaneda". Sua história de luta e resistência deu seus primeiros passos quando em uma ocasião ela ouviu um grupo de cabo-verdianos, moradores de Dock Sud e integrantes da Associação Cabo-verdiana na Argentina, discutindo a possibilidade de apoiar a independência de seu país dizer: "Somos africanos. Não queremos ser portugueses ou europeus de segunda classe, mas africanos de primeira classe". Tais palavras a confrontaram e a fizeram questionar sobre o que queriam dizer quando afirmavam que eram africanos. Segundo Mirian:

Sem dúvida alguma nos contaram uma outra história, a europeia – ou eurocêntrica –, em que os negros não aparecem de forma alguma, ou aparecemos de uma forma muito estereotipada ou borrada, e até mentirosa. (Livre tradução da fala de Miriam Gomes, em entrevista para o jornal "La Ciudad Avellaneda"; nov. 2011).

Avançando um pouco mais com sua história, na adolescência, Miriam começou a experimentar um interesse especial pela cultura africana e pela necessidade de investigar as origens dos negros afro-argentinos. Tudo isso surgiu de uma iniciativa pessoal, mas já havia um certo movimento dentro da sua família, que tinha a ver com essa participação e apoio à independência de Cabo Verde.

Nosotros fuimos contemporáneos de toda esa lucha por la independencia de Cabo Verde, Guinea Bissau y otras repúblicas africanas. En ese sentido, mi papá creó, junto con otras personas, la sede del Partido Africano por la Independencia de Cabo Verde y Guinea, acá en Buenos Aires. Así que yo desde bastante chica escuché hablar de la independencia, de la revolución de Amílcar Cabral, de Patrice Lumumba, de Agostinho Neto; una serie de personajes que en aquel momento eran personas vivas y de las cuales uno escuchaba muchísimo.

En 1910, mi abuelo materno ya tenía documento argentino y en 1948, mi padre llegó en la segunda corriente migratoria proveniente de Cabo Verde. Con respecto a mi comunidad yo no tenía dudas de nuestra existencia, de nuestra presencia y de por qué estábamos acá. Pero yo sabía que acá había

habido y que había negros y entonces me empecé a preguntar muy pronto dónde estaban y a tener mucho interés y mucha curiosidad por todo lo africano que no fuera específicamente lo mío, lo caboverdeano. Entonces a los 18, 20 años me involucré mucho con los negros en Argentina y empecé a participar de lo que se llamaba -ya con la Democracia, en el año 83- del Comité Argentino Latinoamericano contra el Apartheid. (Miriam Gomes, em entrevista para o jornal “La Ciudad Avellaneda”; nov. 2011)

Mirar nossas lentes, a partir da história de vida da professora Miriam Gomes, nos ajuda a compreender o movimento de luta contra a discriminação, contra o racismo, além de visibilizar, na Argentina, a presença do povo negro. Recuperando a fala da professora em epígrafe: *Me quisieron convencer de que no existíamos*, reiteramos assim que narrar as histórias de vida é um ato de resistência, pois como nos ensina Benjamin, “as histórias se perdem quando não são contadas” (1987). As histórias precisam ser contadas pelo olhar dos/das que foram colonizados/as, como bem alertado por Chimamanda, para não sucumbirem aos perigos de uma história única.

Nesse sentido, trazer para as reflexões nesse artigo a história de vida de Miriam Gomes nos possibilita perceber que os processos de resistência à invisibilidade, criam possibilidades outras de (re)existência para os/as “esfarrapados do mundo”, como se referiu Paulo Freire às/-aos que sofrem, mas lutam contra a opressão, em Pedagogia do Oprimido. Miriam Gomes, ao narrar sua história de vida, reafirma a existência e a luta do povo afro-argentino pelo direito de dizer “eu existo enquanto povo” há um século, a contrapelo de todas as tentativas de apagamento.

Histórias como de Miriam Gomes nos provocam a pensar nas confluências afro-latino-americanas que emergem das narrativas de experiências, aqui compartilhadas em relação aos povos africanos e latino-americanos, tendo como recorte inicial os argentinos cabo-verdianos e portenhos.

Narrarse como una nación blanca e o mito da democracia racial: contracolonizando nossos olhares para a história

Junto a los europeos que bajaban de los barcos, llegaron caboverdeanos. No se sabe con certeza cuántos, en parte porque muchos vinieron de polizones, en parte porque en Buenos Aires eran registrados como portugueses. Además, en el afán argentino de narrarse como una nación blanca, se registró a los recién llegados como “blancos” o, a lo sumo, “trigueños”. (Paulina Díaz, publicada no jornal digital emprende cultura, 2015)

Quando pensamos na população Argentina ou até mesmo quando visitamos o país, por vezes é possível ouvir comentários sobre não encontrar uma população expressiva de pessoas negras.

Tal observação foi levantada por nós, quando em viagem a Salta e Buenos Aires - Argentina, em agosto de 2024, para participarmos do X Encuentro Iberoamericano ao percebermos em nosso entorno raros encontros com afro-argentinos.^{iv}

A pergunta que nos tomava no momento era: Onde está a população negra na Argentina? Com essa pergunta trazemos para nosso diálogo a segunda experiência que mobilizou esta escrita:

Caminhava por Salta à procura de pessoas negras, assim como eu. A cada passo dado... Meu corpo transbordava perguntas: Há negros por aqui? Cadê? Pelo menos um... onde? Sinto-me sozinha e encontro na escrevivência uma fuga. Um desaguar para minhas questões. Escrever minhas experiências num papel que carregava comigo na bolsa como um bote salva-vidas. Nele me agarrei como se fosse o único modo de vir a superfície d'água para respirar um pouco. Pauso um pouco na escrita e volto a caminhar. Encontro uma parceira. Uma mulher negra retinta como eu. Nos entreolhamos. Respiramos fundo juntas. Cumprimentamos com sorrisos. Parecia que nos conhecíamos de algum lugar. Senti no gesto de respirar fundo dela o cruzo entre nossas experiências. Um olhar. Dava conta de contar nossa angústia de não encontrar os nossos por ali. Seguimos nosso caminho. Dias depois nos encontramos novamente no IBERO. E nosso olhar? Menos angustiante. Pois naquele congresso encontramos várias pessoas como nós. Parceiras da Colômbia. Esse encontro trouxe à tona as memórias de resistências e de cura quando estamos em espaços coletivos. Um encontro que possibilitou compreender o elo entre as nossas memórias singulares e coletivas. Poder experimentar as apresentações culturais dos nossos parceiros colombianos foi como sentir minha (nossas) ancestralidades vibrar em cada parte do meu corpo. Foi como ver a materialização das confluências de nossas experiências. Uma memória compartilhada que se tornou parte de um movimento de resistência do nosso povo. As cores, os sorrisos, as danças, as músicas, o fazer juntos, o bater de palmas, os movimentos dos corpos, a energia, o unir-se de múltiplas vozes, o acolhimento... isso era nosso. Sentia-me em casa. (Diário de escrevivência de Sheila Martins, 2024)

As palavras de Paulina Díaz em epígrafe, amiga de Mirian Gomes, professora mencionada nas linhas iniciais desse artigo, nos mostra um contexto histórico que ajuda a encontrar possíveis respostas a questão levantada pela autora do diário de escrevivência, quando a ativista conta sobre o processo de imigração do povo cabo-verdiano para as terras portenhelas. Segundo ela existia há época um movimento no país de narrarem-se como uma população branca e por assim ser, registravam os imigrantes como portugueses ou trigueños, além disso, essa população negra ocupou as margens da grande cidade de Buenos Aires,

vivendo em províncias como Dock Sud, região onde está localizada, até os tempos atuais, grande parte dos/das afros/as argentinos/as descendentes dos/das cabo-verdianos.

En el afán argentino de narrarse como una nación blanca encontramos o mito da democracia racial, uma das cicatrizes que ainda sangram, quando contamos nossa história de colonização no Brasil.

A falácia de democracia racial foi difundida política e socialmente ao longo do século XX, especialmente após a “abolição da escravidão”. Ela se refere à ideia de que no Brasil, ao contrário de outros países, existiria uma convivência harmoniosa entre brancos, negros e os povos originários sem grandes conflitos raciais. No entanto, essa narrativa é contra-atacada e desafiada por diversas autoras negras ao longo da história, que denunciam as contradições e desigualdades que ainda prevalecem na sociedade brasileira. Lélia Gonzalez filósofa e ativista, foi uma das grandes defensoras dos movimentos negro no Brasil e se destacou por suas análises críticas ao racismo estrutural. Lélia também denunciava em suas narrativas calorosas que defender a "democracia racial", não passava de uma forma de mascarar o racismo estrutural, e as desigualdades profundas.

Lélia refutou o mito da democracia racial no Brasil, um mito de dominação que impede a consciência objetiva do racismo e o conhecimento direto de suas práticas concretas. Ela defendeu “com unhas e dentes” uma análise mais crítica sobre como o Brasil esconde suas desigualdades por trás de uma fachada de harmonia racial. A luta dela contribui para uma conversa mais realista e consciente do Brasil, destacando a resistência, os conflitos e o racismo que afeta à população negra e periférica.

Por trás das fatalidades geradas pelo racismo e pela violência, buscamos sinalizar que existe um projeto estrutural que “não autoriza” as pessoas negras a escreverem, ou seja, a narrarem suas memórias. Porém, Lélia nos gritava com toda sua força intempestiva: “o lixo, vai falar e numa boa” (Gonzalez, 1984. p.225). Frase forte! Que nos provoca a pensar de modo crítico como as experiências das pessoas negras, que sofrem cotidianamente esse processo de apagamento. A ideia de que “o lixo vai falar” é como lançar nas encruzilhadas uma reação dos povos afro-diaspóricos, para que após serem silenciados por tanto tempo, se expressem e reivindiquem narrar suas memórias.

Ouvir as histórias de Miriam e Paulina, é também ouvir nossas próprias histórias. Histórias de apagamentos e epistemicídios, mas também histórias de luta pelo direito à existência.

Recuperando as palavras de Mirian que tentaram convencê-los de que não existiam, tal afirmativa se torna ainda mais evidente para nós quando encontramos na narrativa de Paulina aspectos de uma história narrada a contrapelo sobre o processo de reconhecimento da população negra que chegava às terras argentinas.

Em conversa com o atual presidente da Sociedad de Socorros Mutuos Unión Caboverdeana, Gabriel Gomes, irmão de Mirian Gomes, durante um evento realizado na associação em homenagem a Amílcar Cabral – líder da independência de Cabo Verde e Guiné Bissau - o mesmo conta que os cabo-verdianos vinham de forma clandestinas para Argentina em busca de uma qualidade de vida para suas famílias e uma vez instalados em Buenos Aires, os primeiros imigrantes fundaram a *Sociedad Caboverdeana de Socorros Mutuos* com objetivo de manter suas raízes, apoiar seu povo recém-chegado para se instalarem no país e também fortalecerem-se entre si no ato de resistência e sobrevivência. Segundo ele, ainda hoje, seguem mantendo a associação com um dos objetivos iniciais de sua criação - resistência e preservação de suas raízes - e para isso, promovem diversas atividades na associação.

As reflexões feitas até aqui trazendo um olhar para confluência afro-latino-americana são provocadas inicialmente a partir da experiência de internacionalização na formação docente – tanto no doutorado sanduíche quanto na experiência no Ibero-americano, ambas na Argentina – e vai ganhando força à medida que tais experiências encontram histórias de vida como de Mirian e Paulina que nos convidam a perceber uma argentina outra, uma afro-argentina. Nesse sentido, fomos também percebendo como repertórios de lutas, aqui narrados pelas histórias de uma professora negra nos leva ao encontro da história de resistência de outra professora negra que traz em suas escrevivências uma história afro-brasileira, aqui falamos da professora Conceição Evaristo que, assim como Mirian, resiste a tentativa de apagamento da história do povo negro, do povo afro-latino-americano.

Confluências com Conceição Evaristo e Miriam Gomes

“Combinaram de nos matar. Mas nós combinamos de não morrer”
(Evaristo; 2019)

As palavras de Conceição Evaristo, assim como as de Mirian Gomes, denunciam um enfrentamento comum do povo negro na América-latina (Brasil e Argentina), o apagamento

de sua existência. Seja esse apagamento como negação da raça - como trazido por Mirian – ou extermínio dela, como nas palavras de Evaristo.

Encontramos nessas duas mulheres negras, ativistas, professoras de suas línguas materna - português e castelhano respectivamente – a força de um povo que luta contra o racismo estrutural presente na realidade de seus países, resultado de um processo de colonização marcado pela noção hierárquica de civilização^v em um discurso explicitamente racista. Força essa, dada a conhecer ao mundo a partir de suas escrevivências.

Conceição Evaristo é uma escritora negra, poeta e professora brasileira, nascida numa favela em 29 de novembro de 1946, em Belo Horizonte, Minas Gerais. Sua trajetória reflete uma luta constante por igualdade e justiça social e sua obra aborda temas como racismo, desigualdade social, feminismo e as experiências de vida das mulheres negras no Brasil. Com uma escrita marcada por uma narrativa visceral e cheia de emoção, trata de questões de identidade, ancestralidade e resistência. Começou sua carreira como professora e se envolveu em movimentos sociais, mas foi na escrita que ela encontrou uma forma de escrever às experiências das mulheres negras. Tornando-se, diante de muita luta, uma importante representante da literatura de resistência e do empoderamento feminino negro no Brasil.

Conceição Evaristo tem uma trajetória acadêmica marcante, que reflete seu compromisso com a educação. Se formou em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF), e mais tarde, continuou seus estudos com especializações na área de Literatura Brasileira. Durante a década de 1980, Conceição participou do grupo “Negrícia: Poesia e Arte de Crioulo.” O grupo atuava realizando recitais de textos literários em favelas, presídios e bibliotecas públicas, entre outras atividades. Em 1990, Conceição publicou seu primeiro poema nos “Cadernos Negros,” editados pelo grupo paulista “Quilombhoje” sendo um coletivo literário que atua na valorização e divulgação da literatura negra no Brasil, responsável pela publicação da série “Cadernos Negros” desde 1978.

Nesse processo de formação, também trabalhou como professora e atuou em escolas públicas, e, por sua experiência, esteve muito próxima das realidades de estudantes de diferentes classes sociais, especialmente, de jovens negros. Esse contexto influenciou bastante sua produção literária e sua forma de ver o papel da literatura como instrumento de transformação social. O que chama a atenção na trajetória acadêmica de Conceição é como

ela, mesmo enfrentando desafios como o racismo e a desigualdade de classe, nunca deixou de se afirmar como uma intelectual negra. Isso, por si só, é uma forma de resistência. Ela tem um papel significativo no “Movimento Negro Unificado” (MNU), que é uma das organizações mais importantes na luta contra o racismo no Brasil até os dias atuais. O MNU é um movimento que visa à unificação dos negros para lutar contra o racismo estrutural, a favor dos direitos civis e contra a violência e marginalização que a população negra sofre. Embora a escritora não tenha sido uma das fundadoras do MNU, ela se alinhou com o movimento, principalmente, por meio de suas ideias sobre a identidade, a resistência e o empoderamento da população negra.

O movimento foi fundamental para a visibilidade e articulação política da população negra no Brasil e Conceição Evaristo, como intelectual e ativista, ajudou a fortalecer a luta contra o racismo e as desigualdades, sendo uma importante aliada na formação de uma consciência racial crítica e de uma narrativa contra-hegemônica sobre o povo negro. Portanto, mesmo não sendo uma das líderes diretas do movimento, Evaristo foi uma figura chave no fortalecimento das ideias do MNU. Sua obra literária, sua militância e sua postura intelectual ajudaram a consolidar a importância da luta contra o racismo, ao mesmo tempo que ressaltava a necessidade de dar voz e protagonismo à população negra, especialmente, às mulheres.

Dante do encontro com as memórias de Evaristo podemos cruzar com as nossas... Podemos e precisamos, sobretudo, encontrar outras narrativas que emergem desses corpos. Narrativas, histórias, memórias, imagens, experiências... Histórias que narrem nossas lutas, saberes, conquistas para além dos momentos de dores. Buscar as memórias sobre “Zumbi dos Palmares, João Cândido, Luiza Mahin e outros e outras heroínas” (Evaristo, 2005, p. 24). Viver a experiência de sentir o ir e vir das nossas memórias narradas por nós mesmos.

Fazer esse caminho pela história de vida de Conceição nos ajuda a encontrar os rastros de uma história afro-brasileira. Tomando como movimento nessa escrita as confluências afro-latino-americanas, buscamos dar a ver as águas onde nossas memórias e narrativas se encontram, em outras palavras, narrar o que emenda “o passado-presente-e-o-que-há-de-vir.” (Evaristo, 2003, p.131-132).

Dante do contexto histórico afro-brasileiro, Evaristo nos ensina a narrar como possibilidade de rememorar nossas lembranças. Contar um pouco da parte que tentaram apagar a base de sangue... o sangue desse povo afro-brasileiro, povo afro-latino-americano.

Uma das autoras brasileiras, mulher negra, que assina essa escrita ressalta sobre esse processo de colonização:

Sequestraram nossos ancestrais, obrigaram-nos a trabalhar por nossas vidas, cercearam nossos direitos, tentaram apagar nossas histórias-memórias, roubaram nossa humanidade, nossas forças, mentiram quando nos disseram que não produzimos saberes... Isso sim é um epistemocídio (Carneiro, 2005). Tentaram enlaçar nossos corpos com sopro do desencanto (Simas, Rufino, 2018), ou seja, nos colocaram em lugares de não possibilidades de ter contato com as nossas narrativas. Contudo, seguimos escrevendo, buscando espaços nas frestas como um movimento de (re)existência para que nossas escrevivências (Evaristo, 2008) possam ganhar o mundo... (Diário de Escrevivência de Sheila Martins, 2025)

Confluir. Escritas. Memórias. Sentires. Experiências. Vidas. Nossas histórias. Narrar o vivido. Escrever nosso modo de (re)existir, de se afirmar e de contar nossas lutas é o convite feito a partir do olhar da autora. Um modo de expor nossos silêncios, nossas presenças, as ausências, os gritos engasgados na garganta, as bonitezas, as marcas feitas pelo racismo que nos atravessa.

Para ela trata-se de:

Escrever o que queremos que o mundo saiba de nós. Uma história (nossa). Em movimento de confluência. Confluir. Encontrar. Nossos corpos negros podem ocupar qualquer canto do mundo, qualquer outro contexto, que nossas experiências se emaranham de algum modo. Histórias amalgamadas. Singulares, no entanto, coletivas. Cruzadas. E escrever essas memórias pode ser uma maneira de tornar este verbo carne. Materializar este encontro. Reivindicar nossas existências. (Diário de Escrevivência de Sheila Martins, 2025)

Escrever ganha uma dimensão na escrita diferente do exercício de narrar o vivido, é um modo de manter viva as lutas do povo negro e, para além disso, manter vivo o processo de preservação das memórias coletivas, aquelas que falam sobre os tempos de escravização e o impacto profundo da vinda forçada para o Brasil, quiçá para Argentina, para América-latina sequestrados pelo colonizador.

Ainda falando sobre resistência do povo negro no cenário brasileiro, o que manteve vivo foi o gesto de aquilombar-se como a pesquisadora Beatriz Nascimento (2021) afirma em seus textos. O ato de aquilombar, nesse sentido, se torna uma forma de narrar essas memórias — as memórias de um povo arrancado de sua terra, da sua ancestralidade e de sua liberdade, para ser submetido ao sistema colonial e escravocrata. Esse gesto está intrinsecamente ligado ao ato de recontar a história de um povo, de romper com o

silenciamento imposto pela história oficial, que, muitas vezes, tenta apagar ou distorcer os horrores da escravidão. Ao aquilombar, o processo de narrar essas memórias se torna uma forma de rememorar o passado e transformá-lo em força e resistência. Aquilombar é criar um espaço de pertencimento, onde as vozes negras podem se afirmar e contar sua versão da história — uma versão que, muitas vezes, foi silenciada ou distorcida por séculos.

Beatriz Nascimento nos convoca a pensar nas memórias de quando as pessoas negras foram sequestradas pelo colonizador. É impossível não pensar nas experiências de dor, violência e despojo, mas também de resistência, de encontros de povos africanos e povos originários que, embora arrancados de suas terras, continuaram a resistir e a criar novos espaços de identidade e pertencimento no Brasil. O aquilombar é, portanto, também um modo de ressignificar essa chegada forçada, essa travessia pelo Atlântico. Travessia marcada pelo genocídio dos corpos negros jogados mares adentro. Ao aquilombar conseguimos resgatar nossas origens e histórias, contar nossas próprias histórias, e assim o ciclo de violência e sofrimento pode ser transformado em um movimento de afirmação cultural, de resistência e de luta pela liberdade. Aquilombar como um modo mantém viva nossas memórias e, de certa forma, protegidas contra o esquecimento. Aquilombar como uma tentativa de cura coletiva, um lugar onde buscamos juntos caminhos de luta e afirmação da vida. Seguimos aquilombando no Brasil, Argentina, pela América-latina a partir de nossas histórias, escrevivências, narrativas, nossas escritas. Nos espaços de diálogo, nas associações, na educação.

Começo, meio, começo: algumas reflexões...

A título de fechamento do artigo, bebendo ainda nas sapiências de Nêgo Bispo, quando defende que não existe fim, mas, começo, meio e começo... (Bispo, 2023, p. 102), compreendemos que o conhecimento, assim como as trocas entre saberes são constantes. Dessa forma, ao invés de encerrar tal conversa, lançamos um convite à continuidade: que essa escrita sirva como um ponto de partida para novos diálogos, questionamentos e aprendizados. Afinal, cada ideia semeada traz consigo a potência de germinar em diferentes contextos, provocando transformações e abrindo caminhos para outras possibilidades. Seguindo esse pensamento, reiteramos a importância de mantermos o olhar atento e curioso sobre os temas aqui abordados, permitindo que cada “fim” seja, na verdade, um começo. Ciclo. Continuidade...

As experiências de internacionalização na formação docente entre pares, aqui narradas, nos levaram a encontrar caminhos de confluências afro-latino-americanas. Do diálogo com as professoras ativistas, Mirian Gomes e Conceição Evaristo, emergiram confluências afro-latinas que nos possibilitaram pensar sobre o processo de colonização, silenciamento, inexistência, apagamento e extermínio do povo negro. Uma história narrada a contrapelo (Benjamin, 1994) ecoada pelas vozes dessas mulheres que seguem escrevendo uma história de luta e reconhecimento de suas/nossas ancestralidades.

Miriam, Evaristo, Paulínia, assim como Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Sueli Carneiro, mulheres pretas, ativistas, com suas vozes pavimentam a estrada do contracolonialismo, como brada Bispo. A decisão tomada no VI Encuentro Iberoamericano, que aconteceu na Argentina em 2011, de transitar dos Encuentros Iberoamericanos para a organização de uma “Red internacional de Redes y colectivos” indica movimentos de busca por diálogos que fortaleçam a existência de uma escola comprometida com a construção de práticas, saberes, tecnologias contracoloniais.

Se para nós a narrativa é uma forma de impedir o apagamento das histórias, como nos adverte Benjamin (1994), escrever não somente se une à ideia benjaminiana como a amplia assumindo a escrita como forma de reivindicar a história do povo negro, uma história narrada a contrapelo (*idem*) colocando os/as escravizados/as, oprimidos/as e silenciados/as no lugar de protagonista da própria história. Dessa forma, ao pensar a escrita em um território de afirmação e reivindicação, Conceição Evaristo nos mostra que contar as histórias de quem sempre foi colocado à margem é mais do que um compromisso literário: é um exercício de afirmar nossas existências. Suas narrativas, entrelaçadas por memórias individuais e coletivas, ecoam as dores, as alegrias e as esperanças, recusando a versão única da história e propondo nos alimentarmos da memória oral e da experiência cotidiana para subverter a lógica da colonialidade e dar a ver modos de narrar e de (re)existir.

Essa ideia ressoa na escrevivência de Evaristo, pois sua escrita não apenas denuncia o silenciamento histórico imposto, mas também afirma a potência das experiências narradas por nós mesmas como modo de evocar histórias que não se submetem às amarras coloniais. Portanto, esse artigo busca explorar as confluências afro-latinas para reafirmar nossas memórias, destacando que somos protagonistas não apenas de nossas histórias, mas também da resistência e da (re)existência frente ao colonialismo e ao racismo. Mais do que

isso, visa compartilhar experiências além das fronteiras, desafiando as estruturas de poder que tentam nos silenciar, fazendo ecoar nossas narrativas vivas e plurais.

Referências

- ADICHIE, Chimamanda. **O perigo da história única.** TED Global 2009. Disponível em: http://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt. Acesso em: 18 mar. 2025.
- ANPED. **Nota de repúdio ao Decreto 10.502/2020.** Disponível em: https://anped.org.br/sites/default/files/nota_de_reputio_ao_decreto_10.502-2020.pdf. Acesso em: 10 jan. 2025.
- BISPO, Antônio dos Santos. **A terra dá, a terra quer.** São Paulo: Ubu Editora; PISEAGRAMA, 2023.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser.** 2005. 339 fls. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- CHIMAMANDA, Ngozi Adichie. **O perigo de uma história única.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- EVARISTO, Conceição. **Escrevivências da afro-brasilidade: história e memória.** Releitura, Belo Horizonte, n. 23, 2008.
- EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água.** Rio de Janeiro: Pallas, 2019.
- EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.
- EVARISTO, Conceição. Da representação à autoapresentação da mulher negra na literatura. **Revista Palmares – Cultura Afro-brasileira**, Brasília, n. 1, p. 52-57, ago. 2005.
- FARIA, Danusa Tederiche Borges de. **Experiências formativas entre professoras/es de redes e coletivos docentes latino-americanos.** 2021. 156 fls. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, São Gonçalo, 2021.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 27. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, ANPOCS, p. 223-244, 1984.
- MARTINS, Leda Maria. **Performance do tempo espiralar:** poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.
- NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras:** relações raciais, quilombos e movimentos. Organização de Alex Ratts. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura; SIMAS, Vanessa França. Pesquisa narrativa em três dimensões. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA, 6., 2014, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro, 2014.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: Editora 34, 2009.

REVISTA CÍTRICA. **Comunidades porteñas: los senegaleses en Argentina**. Callao 360, Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Cooperativa Ex-Trabalhadores do Diario Crítica. Disponível em: <https://revistacitrica.com>. Acesso em: 6 maio 2025.

SECRETARIA DE CULTURA – **Presidencia de la Nación. Día Nacional de los Argentinos y de la Cultura Afro**. Disponível em: <https://cultura.gob.ar>. Acesso em: 6 maio 2025.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **A ciência encantada das macumbas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SOMOZA, Matías. Inmigrantes de Senegal en Argentina. In: DIRECCIÓN NACIONAL DE POBLACIÓN. **Estudio sobre inmigrantes de Senegal en Argentina**. Buenos Aires: Ministério del Interior Argentina. 2023. 30 p. Disponível em: <https://www.argentina.gob.ar>. Acesso em: 25 mar. 2025.

Disponível em: <https://www.dw.com/es/fuerza-latina-miriam-gomes>. Acesso em: 6 abr. 2025.

Disponível em: <https://www.cipdh.gob.ar/miriam-gomes/>. Acesso em: 2 fev. 2025.

Disponível em: <https://lasargentinastrabajamos.com/trabajan/red/miriam-gomes>. Acesso em: 15 abr. 2025.

Disponível em: <https://laciudadavellaneda.com.ar/miriam-gomes>. Acesso em: 10 mar. 2025.

Notas

ⁱ Será empregado ao longo do texto esta opção política que se fundamenta nos estudos dos/nos/com os cotidianos em: GARCIA, Regina Leite; ALVES, Nilda (2003)

ⁱⁱ Trecho escrito na língua Crioula Cabo-verdiana, uma tradução do verso da autora feita por Rogério Rocha, sobrinho de Mirian Gomes e artista plástico cabo-verdiano.

ⁱⁱⁱ Sobre o fechamento do INAD ler: <https://www.cartacapital.com.br/mundo/governo-milei-fecha-instituto-nacional-contra-o-racismo/>

^{iv} O Ibero-americano é um movimento que tem como uma das ações centrais o diálogo entre Rede Ibero-Americana de Coletivos e Redes de Educadores que fazem pesquisa e Inovação para a Emancipação. As reuniões trienais articulam as demais ações previstas na "Agenda Programática da Rede": Expedição Pedagógica; Percursos Pedagógicos; a Frente de Solidariedade; alianças com outras organizações; espaços de formação em pesquisa a partir de salas de aula e comunidades, estratégias organizacionais e de comunicação para contribuir para a sua consolidação e viabilização de seus desafios. Esta agenda está definida no "Documento de Política, 2015", acordado pelo Redes/coletivos da Argentina, Brasil, Colômbia, Espanha, México, Peru e Venezuela no México (julho de 2015) e revisado na Colômbia (outubro de 2018).

^v Segundo Giráldez Seyferth professora do Departamento de Antropologia, Museu Nacional – UFRJ. No Brasil, desde o século XVI, a variação da cor da pele serviu para assinalar as clivagens entre diferentes grupos humanos. No século XIX a noção hierárquica de civilização estava por trás de certos

desideratos biológicos, fazendo da cor branca um indicador de superioridade. Fonte: <https://www.revistas.usp.br> visualizado em 02/02/2025.

Sobre as autoras

Danusa Tederiche Borges de Faria

Doutoranda e mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – PPGedu/UERJ. Pós-graduada com especialização em Gestão Escolar e graduada em Pedagogia pela Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – FFP/UERJ. Integrante do grupo de pesquisa Alfabetização, Memória, Formação Docente e Relações Étnico-raciais – ALMEFRE. Vice coordenadora da Rede de Docentes que Estudam e Narram sobre Infância, Alfabetização, Leitura e Escrita – REDEALE. Tutora profissional da pessoa com deficiência e coordenadora no projeto Inclusive Luísa pela Agência de Iniciativas Cidadãs - AIC. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7317-8393> Email: danusa.tederiche@hotmail.com

Mairce da Silva Araújo

Professora titular e Professora Associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Pós-Doutorado no Instituto Politécnico de Leiria, Portugal e na Faculdade de Educação - Unicamp. Doutorado em Educação, pela UFRJ. Mestrado em Educação, pela UFF. Pedagogia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Barra do Piraí. Procientista, docente do Mestrado em Educação: Processos Formativos e Desigualdades Sociais, Líder do Grupo de Pesquisa Vozes da Educação: memórias, histórias e formação docente. Coordenadora da pesquisa Alfabetização, memória e formação de professores e relações étnicorraciais (ALMEFRE). Coordenadora do grupo de pesquisa Rede de docentes que estudam e narram sobre Infância, Alfabetização, Leitura e escrita (REDEALE). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1434-7796> Email: mairce@hotmail.com

Sheila Martins dos Santos

Doutoranda e mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – PPGedu/UERJ. Atua com intérprete de Libras-Português no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Integrante do grupo de pesquisa Alfabetização, Memória, Formação Docente e Relações Étnico-raciais – ALMEFRE. Participa do grupo de pesquisa ArteGestoAção (INES). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7594-1268> Email: smartins@ines.gov.br

Recebido em: 17/07/2025

Aceito para publicação em: 02/12/2025